

MASSANGANA

Leonardo Dantas SILVA

Um leitor indaga através da Internet sobre a origem do vocábulo Massangana, conhecida página de Joaquim Nabuco publicada no seu livro autobiográfico, *Minha Formação*, lançado em 1900 pela Editora Garnier do Rio de Janeiro.

A denominação da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco de há muito vem despertando a curiosidade particularmente de não pernambucanos, como o pesquisador gaúcho Paixão Cortez.

Para Gilberto Freyre "não se deve desprezar o significado dos velhos nomes de lugares: povoados, vilas, cidades. Sob pena de se deixar de sentir o que neles é poesia e não simplesmente de história".¹

Nos dicionários consultados, desde o vetusto Antônio de Moraes Silva (1813) até o clássico Laudelino Freire e o atual Aurélio Buarque de Holanda, não se encontra qualquer registro.

No *Dicionário Lello* (Porto, 1959) aparece *Massangano*, com a designação de "posto administrativo do concelho de Cambambe, Angola"; servindo ainda para denominar "mauclima; terrenos pantanosos".

Palavra de origem africana, portanto, que chega até nós através de escravos angolanos para cá trazidos. Consultando o *Dicionário Kimbundu-Português*, de A. de Assis Júnior (Luanda, s/d), veremos que o vocábulo na sua forma masculina, *Massanganu*, serve como designativo de "confluência; foz. Lugar onde dois rios se juntam num só: *Massanganuma Lukala ni Kuanza*"; serve assim para denominar o "antigo

⁽¹⁾ FREYRE, Gilberto. *Apipucos que há num nome*. Recife: Editora Massangana, 1983. p. 31.

concelho da freguesia de Nossa Senhora da Vitória, constituindo hoje a área e sede do posto deste nome, concelho de Cambambe (Dondo), distrito de Quanza-Norte, província de Luanda, compreendida na língua de terra formada pelos rios Lucala e Quanza, na margem direita deste rio".

Tudo bem de acordo com a denominação do engenho Massangana, no qual Joaquim Nabuco viveu os seus primeiros oito anos, em cujas terras se unem os riachos Massangano e Algodoais, que juntos formam o rio Suape, no município do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco.²

Foi em terras do engenho Massangana que o futuro abolicionista Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) viveu parte de sua infância. Sob o título **Massangana** ele descreve os seus primeiros oito anos, transformando-o no capítulo mais citado do seu livro autobiográfico, **Minha Formação**, cuja 13ª edição, com prefácio de Evaldo Cabral de Mello, foi lançada neste ano de 1999 pela Editora TopBooks do Rio de Janeiro.

Os primeiros oito anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva.... Passei esse período inicial tão remoto, porém, mais presente do que qualquer outro, em um engenho de Pernambuco, minha província natal. A terra era uma das mais vastas e pitorescas da zona do Cabo [...] De todas as impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruído da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de canas caídas da moenda e escuto o rangido longínquo dos grandes carros de bois...³.

No engenho Massangana, sob a proteção de sua madrinha Ana Rosa Falcão de Carvalho, o menino Joaquim Aurélio viveria até os oito anos; a morte de sua protetora fez com que o levassem para a casa

⁽²⁾ GALVÃO, Sebastião Vasconcelos. *Diccionario chorographico, historico e estatistico de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1908.

⁽³⁾ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. 13ª ed. Prefácio de Evaldo Cabral de Mello. Rio: TopBooks, 1999. p. 160.

paterna, no Rio de Janeiro, "... a noite da morte de minha madrinha é a cortina preta que separa do resto da minha vida a cena da minha infância".

Massangana ficou sendo a sede do meu oráculo íntimo: para impelir-me, para deter-me e, sendo preciso, para resgatar-me, a voz, o frêmito sagrado, viria sempre de lá...

Mas por que Massangana e não Massangano?

Lembra Nilo Pereira, citado por Manuel Correia de Andrade⁴, que Alceu de Amoroso Lima, em comunicação à Academia Brasileira de Letras, informa que "é palavra masculina, vinda do africano, converte-se em palavra feminina, quando Nabuco lhe dedica, em *Minha Formação*, o capítulo que imortalizou a casa-grande onde a Madrinha do grande pernambucano - mais matriarca do que senhora de escravo - deu à escravidão mais um sentido de liberdade que de ofensa à condição humana".

A conclusão do ilustre pensador, Alceu de Amoroso Lima, não parece acertada. O vocábulo *Massangana*, como designação do engenho da infância de Joaquim Nabuco, já se encontra presente em documentos do século XVIII. Ao instituir o Morgado de Nossa Senhora da Madre de Deus no Cabo de Santo Agostinho, em 28 de outubro de 1580, o vianês João Paes Barreto deu início à colonização da sesmaria que lhe fora doada pelo primeiro donatário Duarte Coelho (1535-1554) nela levantando dez engenhos, dentre os quais o *Massangana*. O mesmo engenho aparece como pertencente àquele morgadio, quando da instalação da Vila do Cabo de Santo Agostinho, em 18 de junho de 1812. Criada por Alvará Régio de 27 de julho de 1811, a vila teve como seu primeiro capitão-mor o sétimo e último morgado Francisco Paes Barreto, futuro Marquês do Recife, que veio a falecer em 26 de setembro de 1848.

Massangana aparece, ainda, em anúncio do *Diário de Pernambuco*, no qual Dona Ana Rosa Falcão de Carvalho comunica o falecimento do seu escravo, Elias, episódio também anotado por Joaquim Nabuco em seu livro de memórias, ao transcrever parte da carta de sua

⁽⁴⁾ ANDRADE, Manuel Correia de. *Atualidade de Nabuco*. Apresentação de Fernando de Mello Freyre. Recife: Editora Massangana, 1999; PEREIRA, Nilo; "Massangana: escravidão e liberdade". In: *Antropologia do açúcar*. Recife: IAA, Museu do Açúcar, 1972. p. 15-16.

madrinha comunicando o desenlace ao seu pai, Conselheiro Nabuco de Araújo, ..." o meu Elias o qual fez-me uma falta sensível, tanto a mim como ao meu filhinho...".

O anúncio do *Diário de Pernambuco*, publicado na edição de 29 de julho de 1856, que por sua importância para o estudo da sociedade de então vai transcrito na íntegra, mostra, por outro lado, o uso corrente do vocábulo *Massangana* como designação daquele engenho de açúcar:

É falecido o Elias, escravo que foi da casa Massangana.

Não podemos deixar de consignar esta lembrança em memória de um individuo que sempre mereceu a dita de ser considera-do - homem de bem; nascido no cativoiro, Elias, tornou-se, em pouco, digno de ser tido num apreço a ponto de a sua, firma, pelos padecimentos do chefe da casa de Massangana, ser tão respeitada e avaliada, que deixou alguma fortuna.

Como se não bastasse, *Massangana* aparece ainda como marca de afamada aguardente de cana, fabricada "no engenho de igual denominação, situado no município do Cabo". Como sinônimo de cachaça aparece registrado no *Dicionário de Aurélio*, que grafa *maçangana* com cedilha. Na imprensa da época é sinônimo de boa aguardente de cana: "Deve-lhe mandar de presente um queijinho bom, uma galinha, e algumas garrafas do champanhe de Massangana" (*O Etna* nº 27 de 1882). "Falar-se de festa no cajueiro vem logicamente a idéia de uma refeição de caju com a sua inseparável *Massangana* (*O Binóculo* nº 40, 1882). "Preferidos os generosos vinhos e o champanhe, onde o patriotismo da laranjinha e da boa *Massangana*?" (*O Tamoio* nº 6, 1896). Lembra Pereira da Costa que "com o nome de *Massangano* existe um povoado na margem esquerda do rio São Francisco, pertencente ao município de Petrolina, e um riacho no Cabo [de Santo Agostinho]".⁵

⁽⁵⁾ COSTA, F. A. Pereira da. *Vocabulário Pernambucano*. Recife: Governo do Estado/Secretaria de Educação e Cultura, 1976. (Coleção Pernambucana, 1ª fase - v. 1). HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio: Nova Fronteira, 1986.

O vocábulo, que na língua *kimbundu* serve para designar o "confluência, foz; lugar onde dois rios se juntam num só", a exemplo de tantos outros de origem africana, como *machimxambombo* (Moçambique) que em Pernambuco veio a ser usado como *maxambomba*, assumiu entre nós a forma feminina pura e simplesmente, sem qualquer interferência de qualquer erudito. Deve-se tudo, como diria o poeta Manuel Bandeira, à "língua certa do povo/porque é ele que fala o gostoso português do Brasil"....